



Jamil Soni N.

Murmur

Jamīl Soni Neto

Murmum

A foto de capa foi usada sob licença dos Creative Commons.
Crédito para Brian (hoveringdog)
<http://www.flickr.com/people/bcveen/>

Escrito e convertido por:
Pages '08
MAC OS X 10.4.10
Ago/2007

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro poderá
ser usada ou reproduzida, por qualquer
meio, sem autorização do Autor.
Para contato, favor escrever para:
yeahbaby_br@yahoo.co.uk
mountaineer_br@hotmail.com

Nota do autor

Tive a idéia deste conto em Janeiro de 2007, depois que lí vários contos de terror de Stephen King no livro “*Everything’s Eventual*”.

O primeiro esboço foi horrível. O segundo era melhorzinho mas ainda estava ruim. Tinha um pouco mais de dezesseis mil palavras. Eu tinha escrito muitos detalhes que não tinham nada de importante para história e só faziam o texto mais complicado de escrever e maçante para o leitor. Mesmo depois de de revisá-lo vezes e mais vezes, mudando palavras, frases, e ordem de parágrafos, não alcancei a coerência e concisão desejadas. Eu estava cansado. Abandonei o projeto.

Quando ví que o meu colégio estava com um concurso chamado “Palavra Viva”, e que uma das categorias era “*obras literárias*”, resolvi voltar ao meu projeto para concorrer. Era o estímulo que me faltava.

Sabia que o último esboço estava ruim. Resolvi recomeçar pela terceira vez. Pensei muito no que iria colocar na história, o que era bom do último texto e que era ruim. Enfim, planejei. Pensei como um escritor de livros de verdade pela primeira vez.

Surgiram algumas idéias novas, como a de Daniel contar a história que ouviu de velho Michael. Na primeira versão a história era contada por um narrador onisciente. Na segunda versão o próprio Michael a contava a seus netos. E nesta é Daniel no seu diário. Acho que assim o ar da história é um pouco mais sombrio.

Eu queria que a visita quase fatal de Michael à fazenda Murmum fosse por volta do ano 2005. Não queria que ela tivesse acontecido nos anos 50, 60 ou 70. E para isso a única opção foi fazer o encontro entre o velho Michael e Daniel no futuro. Nunca li uma história que seguisse essa linha, mas isso não me incomoda pois o futuro para mim não será completamente diferente do que o mundo é hoje. Bares de esquina vão ainda existir assim como hoje e as pessoas serão não terão mudado muito. Nessa história, o futuro não acrescenta utopia nenhuma história. É mera questão de coerência.

Aqui você está prestes a ler a minha historinha de terror que imaginei no começo do ano, cinco mil palavras a menos do que a segunda versão. Mais concisa e fluída.

Este é o meu primeiro conto. Não sei se exagerei em algumas partes, mas agora está feito e não mexerei mais nele. Se a história conseguir fazer você, leitor, ficar com medo e com um arrepio pelo menos em uma das cenas, minha obrigação terá sido cumprida. Se não... Bom, tentarei de novo qualquer outra vez.

Boa leitura!

Capítulo Único

Escreverei tudo o que o velho Sr. Fule me contou. Não sei ao certo porque estou a fazer isso, mas é uma história tão incrível que há de ser imortalizada no papel e lida por aqueles que duvidam do sobrenatural.

A história que escreverei aconteceu há muitos anos atrás; acredito que perto do ano de 2005. Não sou um bom escritor, mas tentarei escrever da melhor forma que permitem minhas habilidades para tentar passar a quem quer que leia estas páginas as horríveis emoções pelas quais o jovem Michael Fule passou um certo dia.

Não ouvi-a de ninguém menos que o próprio Michael. Nos encontramos pela primeira vez em um barzinho de esquina aqui em Porto Mendes, perto do lago. A noite era fria e a pinga era a única coisa que nos mantinha quentes. Sentei perto de Michael, um velho de feições simpáticas e bom espírito. Seu rosto expressava tranquilidade e era convidativo para novas amizades. Aquecidos e encorajados pelo álcool, começamos logo a conversar e furamos a noite em bom papo sobre vários assuntos dentre os gritos de outros grupos do bar. Ele me disse que sua mulher havia morrido fazia alguns anos (o câncer a comeu por dentro. Que ela descanse em paz!) e que seus filhos estavam bem de vida morando no exterior. Não se dava bem com os parentes, que moravam todos longe, e seus amigos freqüentavam outro bar

da cidade. Disse-me que naquela noite ele queria ficar mais sossegado, em seu canto, e por isso tinha ido para aquele barzinho. Apesar da idade, Michael parecia saudável e alegre.

Na segunda vez que o vi, ele tinha mudado completamente. Estava sentado na mesma cadeira do bar que havíamos nos encontrado na semana anterior, mas sua expressão era dura e preocupada. Seus movimentos eram rápidos e vacilantes; tremia e ficava olhando em volta como se alguém estivesse o observando. Dois copinhos de vodka vazios estavam ao seu lado no balcão do bar. Era claro que ele queria ficar bêbado aquela noite. Ele vestia um casaco azul escuro de camurça, em vários lugares gasto, e uma camisa cinza listrada de lã cinza por baixo.

Quando me viu entrando pela porta levantou seu braço e tentou um sorriso. Me chamou para sentar com ele. Tentamos ter uma conversa normal. Ele tentou mesmo! Parecia que tinha algo engasgado e que queria falar mas que estava se preparando para isso. Eu decidi acompanhar. Conforme a conversa acompanhou o relógio, ele pareceu preparado.

“Eu tenho que te contar uma coisa, Daniel.”, disse ele olhando para os lados para ter certeza de que ninguém estava interessado em ouvir o que ele iria dizer próximo. “Eu preciso contar para alguém. Eu... Eu pensei ter ouvido... É difícil explicar. Você acredita no sobrenatural?”

“Claro, claro... Eu tenho uma mente aberta para todas as coisas”, respondi tentando parecer confiante de que o que eu estava a dizer era verdade, me preparando para o que viria a seguir. Nunca desacreditei no sobrenatural mas nunca também tive provas para acreditar. As histórias que um amigo ou parente me contava de vez em quando eram boas, mas nunca acreditei completamente nelas. Se esse velho iria me contar uma dessas histórias, bom, no mínimo seria interessante ouvir, mesmo que fosse uma daquelas absurdas. Da primeira vez que nos encontramos ele tinha me contado algumas histórias de sua vida, umas engraçadas outras simplesmente como um exemplo daquilo que conversávamos. Ele *sabia* como contá-las. Era uma daquelas poucas pessoas que sabiam como dar te fazer entrar na história com elas, davam emoção a cada palavra. Sabia falar o que e quando falar.

Me deparei com a possibilidade de ele ser gagá. Mas de qualquer jeito, seria interessante ouvir mais essa história. Se fosse algum “*causo*”, quem sabe *ele* conseguiria botar um pouco de medo em mim.

“Bom, ótimo. Eu sei que vai parecer loucura, mas preciso contar para alguém. É uma história de quando eu era jovem. Tinha 18 anos”

* * *

Michael estava finalmente chegando nos portões da fazenda de sua família após uma longa viagem de carro de sua casa na cidade. Ele não tinha barbeirado muito, passou *tirando a tinta* de um carro que vinha no sentido contrário quando saída da cidade por uma rua estreita, mas nada de mais grave. Quando estava nas rodovias, ele acelerou e sentiu como era gostosa a velocidade.

Ah...! O ar entrava pelas janelas abertas fazendo seu cabelo preto esvoaçar livremente e quando a ventania batia em sua orelha quase o ensurdecia. Por isso ele tinha aumentado o som do rádio ao máximo, para poder ouvir e sentir em seu peito o bate-bum da música. Que gostoso!

Era muito bom ter a carta de motorista. Com 18 anos ele podia fazer muito mais coisas sozinho. O carro emprestado do pai lhe dava a sensação de poder ir aonde ele quisesse, a hora que quisesse. Tinha sido assim nas últimas duas semanas.

Ele olhou para os pilares do pequeno portal da fazenda. Em baixo, os portões estavam fechados. No tronco transversal de peroba em cima estava gravada a palavra “MURMUM”. A madeira do portal era preta e velha. Apesar da antigüidade da propriedade, os Fules nunca precisaram fazer muita manutenção no portão ou na casa que ficava no coração das terras.

Quantos anos que aquela fazenda tinha mesmo? Michael não lembrava exatamente, mas lembrava de seu pai dizendo uma vez algum número maior do que cem. Era de se admirar o lugar, tão antigo...

Fazia tempo que ele ou sua família não vinham para cá. Michael Fule nem se sabia direito porque não vinham mais para a fazenda. Se lembrava de virem sempre com sua avó nos finais de semanas e feriados. Ele brincava com os filhos do caseiro e seu pai sempre fazia um churrasco. De vez em quando alguns amigos de seu pai e mãe vinham juntos. Os dois tinham uma vida muito corrida e nos finais de semana eles gostavam de relaxar e aproveitar a

natureza e esquecer dos compromissos. As festinhas iam até tarde da noite. O caseiro e sua família também se juntavam na bebedeira e todos riam muito.

Era muito divertido. Até para ele, moleque que era.

Quando Michael tinha 10 ou 11 anos, sua família começou a ir cada vez menos para a fazenda. Ele não se lembrava porque, só sabia que iam cada vez menos. Um dia o caseiro foi embora, sem dar muita explicação. Esvaziou a casa rapidamente e depois disso seu pai não conseguiu achar nenhuma outra família que quisesse ocupar o lugar do antigo caseiro. Seu pai teve que vender os animais. Plantações foram morrendo sem cuidados. E algumas semanas depois, quando foram dar uma olhada na fazenda e ver o que precisava ser feito, sua vó morreu durante o dia.

* * *

“Era muito velha, a sua avó?”

“Mais ou menos. Tinha 78 anos. Mas era ativa, não tinha problemas graves de saúde. Só a usual dor nas costas e *otras cositas mas*. Na época eu não sabia ainda, mas depois meu pai, Alberto, me contou. Quando ela morreu eu era pequeno e nunca me contaram, mas minha vó Madalena teve uma morte feia. Muito feia.

“Eu estava brincando no jardim em frente da casa da fazenda quando ouvimos ela gritar. Meu pai correu para o quarto onde ela estava. Minha mãe, Ana, ficou comigo no quintal. Ele demorou um pouco e minha mãe foi atrás, dizendo para eu ficar. Eles voltaram depois de um tempo, conversando baixo entre sí. Minha mãe disse que ia me levar de volta para casa; precisava voltar. Perguntei porque o pai e a vó não iriam voltar com a gente e meu pai disse que os dois queriam ficar mais um tempinho lá. Depois a minha mãe iria voltar para buscá-los. Queria ficar com eles, não queria voltar para casa. Meus pais não deixaram, é claro.

“Chegando em casa minha mãe falou com a vizinha e fiquei na casa dela brincando com um amiguinho meu da época. Minha mãe ligou para o IML ir buscar o corpo de minha avó e voltou para a fazenda. Meu pai estava a esperando do lado de fora da casa, chocado com que tinha acontecido. Minha mãe ficou com ele e chorou até o IML chegar.

“O primeiro susto do pessoal do IML foi quando viram o corpo. Minha vó ainda estava sentada na cadeira de balanço. Meu pai e minha mãe tinham tentado colocá-la na cama

assim que viram que estava morta, mas não conseguiram. Suas mãos de defunto seguravam firmemente os braços da cadeira.

O que assustava era o *jeito* dela na cadeira. Meu pai só me contou com muita dificuldade. O rosto dela estava todo contorcido, boca aberta e algumas gotas de sangue escuro tinham endurecido enquanto desciam de uma narina e do canto da boca. A mandíbula estava estranha. Depois descobriram que estava fora do lugar. Seus olhos estavam arregalados, pupilas contraídas ao máximo. E até seus pés estavam contorcidos, como se estivessem procurando algo para segurarem.

“Depois do choque o pessoal do IML tentou tirá-la da cadeira. Tiveram muita dificuldade. Disseram que o *rigor mortis* tinha entrado em ação, afinal tinha feito três horas que ela tinha morrido. Quando meu pai disse que ela estava dura desde que a encontrou disseram que, então, ele a encontrou depois de algum tempo depois de sua morte. Ele insistiu que a ouviu gritar e que logo em seguida foi ver o que tinha acontecido e que ela já estava assim. Disseram que não era possível. *Rigor mortis* mesmo nos casos mais extremos precisam de um tempo para recair sobre o defunto.

“A história ficou ainda mais estranha depois da autópsia. Depois de ouvirem meu pai recontar o episódio várias vezes, os médicos concluíram que minha vó deveria ter tido o que chamam de *espasmo cadavérico*. É um fenômeno muito raro, que só acontece quando antes da morte a pessoa está sentindo emoções muito fortes e está muito agitada. Geralmente é só uma parte do corpo do morto que sofre esse fenômeno. É uma ótima ajuda para concluir o que a pessoa estava fazendo antes da morte. Por exemplo, uma cadáver que é achado em um rio pode estar segurando os ramos de algum arbusto das margens. Prova de que a pessoa estava viva quando entrou na água. No caso de minha vó, todos seus músculos estavam duros.

“A mandíbula dela estava muito fora do lugar. Os médicos disseram que ela tinha posto uma força monstruosa em todos seus músculos antes de morrer. Ela também estava com algumas hemorragias pelo corpo. Houve uma investigação para ver se minha avó não tinha sofrido maus tratos do meu pai... Imagina! Felizmente eles logo abandonaram o caso. Nunca ninguém conseguiu definir a causa da morte da minha avó Madalena. Sempre foi um mistério e depois daquele dia a fazenda foi praticamente abandonada”

* * *

O Michael de 18 anos não se lembrava muito bem da morte de sua vó e não sabia dos detalhes. Quando Michael era pequeno, ele e sua vó tinham uma ligação muito forte; passavam muito tempo juntos. Sua vó o amava demais, e ele a amava demais. Quando seus pais resolveram contá-lo que sua vó tinha... ido embora, ele entrou em choque. Ele sentiu muita dor e o inconsciente fez sua mágica. Sempre que podia ignorou que sua avó tinha morrido e que nunca mais iria a ver. Era mais fácil esquecer e fazer de conta que tudo estava bem, que nunca houve uma avó Madalena. Quando isso aconteceu e o pequeno Michael voltou com sua alegria de criança seus pais suportaram a idéia. Nunca mencionavam o episódio... Talvez eles também preferiram esquecer do que tinham visto.

Mas Michael nunca se esqueceu completamente de sua vó e do carinho que ela tinha por ele. E depois de tanto tempo, era bom voltar ao lugar onde gastou tantos dias de sua infância.

Os portões de madeira negra foram abertos. A estrada que levava para a casa da fazenda era de terra batida e estreita, mato crescia grande nos lados e a invadia um pouco, fazendo-a mais estreita ainda. Mas curiosamente o mato nunca cresceu a ponto de cobrir o pequeno caminho de terra completamente.

Era como se o portão, a estrada e a antiga casa se conservassem durante os anos sem a ajuda da família Fule.

A casa da fazenda era de dois andares. Grande e suntuosa, a madeira das janelas pintadas de preto envelhecido se pareciam com olhos e bocas em contraste com o branco empoeirado das paredes de madeira da casa. Michael Fule estacionou a picape de seu pai em frente à casa e antes de começar a tentar achar a chave certa no molho para abrir a porta, parou e contemplou as medidas da estrutura a sua frente.

Estava da mesma forma de como Michael se lembrava. A tinta quase não havia se desprendido ou manchada mais do que estava desde da última vez que veio aqui com seu pai. As intempéries não se aplicavam a ela?

Pois parecia que não.

Ao redor da casa muitas plantas e arbustos floríferos nasciam. Estavam em total vigor e floração nesta época do ano. Eram grandes e muitas folhas verdes nasciam de seus troncos por demais muito juntas. Entre elas flores nada tímidas arranjavam seus caminhos para serem contempladas por qualquer animal ou pessoa que passasse por perto. A maioria dos pés de flores estavam plantados em volta das paredes baixas da casa, fazendo uma coroa em sua volta. A grama não era muito alta, estava verde e somente aqui e alí nasciam algum

tipo de mato para imperfeccionar a beleza do jardim, ou aglomeravam-se em montes de grama entrelaçadas. Existia uma barreira invisível de alguns metros em torno da casa de madeira que delimitava o jardim e o onde o mato crescia ao léu.

O sol brilhava. Algumas nuvens ao longe sugeriam uma chuva mais tarde. Michael Fule esperava que chovesse somente de tardezinha, quando o sol estivesse se pondo. Ele tinha alguns planos para ocupar seu sábado. Havia vários lugares que ele poderia ir. Por ela cortavam pelo menos três rios, um deles era o maior e tinha uma linda cachoeira bem no meio da floresta da fazenda. Ele não se lembrava direito de como chegar lá, mas seria uma aventura embrenhar-se na mata e tentar achar o caminho.

Por um momento o sol se escondeu detrás de um cumulus branco no céu. Uma rápida sombra passou e Michael Fule pensou ter visto algo na casa. Algo que o deixou inquieto. Ele não sabia o que era que ele tinha visto ou sentido.

Mas tinha alguma coisa alí espreitando.

Um vento frio passou ligeiro assobiando em seu ouvido e ele sentiu um calafrio percorrer seu corpo; a sensação primeiro passou debaixo de seus pulmões, abaixo da pele de suas costas e depois deixou os pelinhos de sua nuca erguidos de uma só vez. Sensação de alerta, de terror.

Logo depois o sol voltou, o calor de seus raios aqueceram as costas de Michael e iluminaram novamente a casa. Não era nada, *fora só uma impressão ruim*, ele pensou. O final de semana iria ser bom, a previsão era de sol hoje e amanhã, talvez com pancadas de chuva na tarde de hoje. Mas seria bom. Ele iria se divertir. Enfim um pouco de privacidade para fazer o que quisesse.

Michael tirou de seus bolsos o molho de chaves velhas, daquelas que na ponta têm uma placa quadrada com um sulco cortando sua extensão e um, talvez dois, dentes e só. Era hora de achar a chave que iria abrir a casa. Seu pai, depois de insistir sem sucesso para ele não ir a a fazenda sozinho, lhe mostrou qual era a chave, mas Michael Fule já tinha se esquecido.

Quando entrou pela porta da cozinha mais uma vez um calafrio lhe percorreu a espinha. Ele olhou para os dois lados mas não viu nada exceto o interior sombrio da casa. Assustado, ele rapidamente abriu as cortinas do lugar. Estava determinado a não estragar seu final de semana. Ele não era cagão, nunca teve medo de nada. Não seria agora que iria começar a ter.

Deve ser natural me sentir assim, ele pensou. A casa era velha e quer queira quer não, parecia uma daquelas que você vê em documentários de TV a cabo sobre lugares mal-assombrados. *Já eu me acostumo*.

E quando ele terminou de abrir todas as janelas da casa para deixar novo ar entrar, toda a desconfiança e receio que o tinha apreendido por conta dos dois calafrios que teve foram embora. Michael riu de si mesmo por ser tão tolo! Imagina se seus amigos fortões tivessem-no visto?

Os móveis antigos seguravam um pouco de pó de terra em suas superfícies horizontais. A casa estava bem iluminada e com as janelas abertas até o cheiro de mofo já tinha quase ido embora. Era uma casa bonita, móveis antigos e quadros espalhados pelas suas paredes. Olhando pela janela do quarto do segunda andar, seu quarto, a fazenda se expandia para todos os lados sob a luz do sol forte. Olhando para a esquerda e morro abaixo, Michael Fule viu a floresta, a 150 metros talvez, que se estendia ao lado de um pasto tomado por mato e cercado por arame farpado enferrujado. Tristemente, se lembrou que em outros tempos de manhã sempre haviam gado e cavalos espalhados, pasto definido e podado pelos ungulados.

Que saudade... Agora a fazenda não produzia mais nada, nenhuma plantação de soja ou trigo ou milho, nenhum pasto com animais ou casinhas de arame e madeira espalhadas com galinhas ou porcos dentro. *Talvez o pomar ainda estivesse a dar alguns frutos?*, pensou Michael. Ele fez uma nota mental de ir até lá mais tarde e verificar.

* * *

“A fazenda estava completamente abandonada. Depois que o caseiro foi embora, a minha família teve receio de que alguém poderia ir e se aproveitar de algum modo das terras, ou entrar na casa e roubar alguma coisa. Mas nunca houve qualquer sinal de que alguém havia se quer entrado nos limites da fazenda.

“Não tinha muitos vizinhos na região. As propriedades eram muito grandes e isoladas. As famílias de empregados que cuidavam das fazendas perto dali sempre foram esquivos com a gente. Assim que meu pai comprou a fazenda, ele tentou falar com algumas delas mas sempre era mal recebido e sempre acabavam batendo a porta na cara dele. Houve somente uma velha que falou algo sobre a fazenda.

“Mas enfim, meu pai me disse que essa senhora morava em uma casa que parecia desafiar as leis físicas da gravidade. A casa de tábuas era podre pela maior parte e nela cresciam quantidades obscuras de limo verde e grotesco marrom. A alta encosta atrás da casa fazia o lugar ainda mais sombrio naquela tarde que começava a virar noite.

“Ele bateu na porta. A senhora de pele queimada e enrugada de tanto trabalhar ao sol ardente saiu de dentro do casebre escuro e olhou para meu pai nos olhos. Ele disse que foi um olhar penetrante; os olhos secos dela pareciam conseguir revirar-lhe a alma.

“A recepção foi seca. Essa senhora deveria estar cansada, devia ter trabalhado o dia inteiro na pequena propriedade e devia estar mais do que tudo querendo descansar. Meu pai tentou ser simpático, se apresentou e a velha parecia a cada palavra mais a vontade com ele até o momento que meu pai disse o nome da nossa fazenda. *Murmum*. Ele disse que daí ela arregalou os olhos e fechou a cara novamente, deu dois passos para trás como se meu pai fosse um assassino e segurou na porta de sua casa como se tivesse recebido uma notícia devastadora e precisasse se apoiar em algo para não cair. Ela encarou ele. Meu pai não sabia o que falar, mas nem precisava. Ela disse com uma voz roca, como se tivesse falado da última vez fazia tempo: *‘Aquela fazênda é armadiçuada cum u bafo do demônho. Usa tua cabeça de homi da cidade que fala bonito e fica longe dela’*, e entrou em casa logo em seguida batendo a porta.

“Meu pai tava puto da vida com o pessoal vizinho da fazenda. Ninguém o tinha tratado bem. Voltou para casa xingando todo mundo, mas me confessou que o que a velha senhora tinha dito ficou na sua cabeça a noite inteira. Na semana seguinte ele ficou sabendo que o pessoal da região achava que aquela fazenda era amaldiçoada mesmo. Ninguém sabia o que levou eles a acharem isso, mas a paciência do meu pai tinha acabado e nem se importava mais com essas “besteiras”. Na época ele não tinha razão para achar que não eram eram simples besteiras de gente simples, é claro... A fazenda não tinha nada de errado. Era muito bonita, sempre foi. Mas isso explica porque nenhum vizinho invadiu a fazenda ou a casa”

* * *

Próximo, Michael desceu para a cozinha.

Nhéc, nhéc, nhéc. A escada faz barulho nos mesmos degraus que antigamente, Michael pensou. Ele estava com muita sede. Chegou no armário da cozinha, abriu uma das

portas e alcançou um dos copos de vidro azulado. Eram seus copos preferidos, esses azuis. Eram feitos de um vidro rugoso e irregular. O azul era escuro e quando virado contra a luz, a água contida no copo parecia ser uma preciosidade.

Uma fina camada de poeira em cima do copo. Michael o levou até a pia e abriu a torneira. Nesgas de luz entravam pela furada cortina florida e batiam em suas mãos sob a água. O vento fazia os pontos de luz se moverem agitado quando batia na cortina.

A simples tarefa de enxaguar o copo transformou-se em brincadeira. A água da torneira estava fresca: provinha de uma nascente morro acima. A luz que dançava em suas mãos molhadas o fez reparar quão bonitas suas mãos eram.

Michael sempre gostou de suas mãos, grandes, fortes e macias ao toque. Suas unhas eram certinhas: perfeição tinha sido a inspiração quando elas foram criadas no útero de sua mãe Ana.

Michael tinha as forçado a aprenderem a escrever letras bonitas e as forçava a segurar no alto os pesos quando fazia academia. Elas eram boas, suas mãos. Não só ajudavam a fazer o que ele precisava fazer como também o faziam sentir e a acariciar. O acariciavam quando a vontade era grande, quando aquele monte em suas calças aumentava e pedia alucinadamente um alívio imediato.

Sua namorada também gostava daquelas mãos, ah sim. Michael podia dizer isso pois quando as usava em seu corpo feminino ela suspirava forte. As carícias ficavam mais quentes e quando sua namorada estava molhada o suficiente, não agüentava mais e pedia desesperadamente como somente em paixões de jovens, Michael e ela iam às alturas.

Ele iria usá-las hoje depois que tomasse um banho em baixo da cachoeira da floresta, naquela água fresca e límpida do rio que fazia sua pele contrair em textura de pequenos pontos salientes e pelos eretos. Ele iria se dar prazer deitado no solo úmido das margens, em meio às samambaias e outros arbustos, em baixo de uma piscina de luz filtrada pelas altas árvores pensando em sua namorada.

Ele tivera o fetiche dessa cena durante toda a semana com Kelly, sua namorada. Era para ele dar prazer a ela e ela a ele. Planejaram tudo o que iriam fazer no primeiro final de semana romântico deles agora que Michael podia dirigir. Os dois não viam a hora de irem para a fazenda.

Mas na quinta-feira Kelly ficou ruim. Pegou gripe e estava de cama com febre alta. Já que Michael não poderia aproveitar o final de semana com ela de qualquer forma (Kelly

não queria que Michael ficasse perto dela. Ela não queria passar a gripe para seu namorado), decidiu que seria uma boa oportunidade para ir sozinho à fazenda e ver como estava o lugar antes que os dois fossem juntos em uma outra oportunidade. Fazia anos que ele não ia lá, seria bom da ruma verificada e ter certeza do que os esperava.

A cachoeira era um dos pontos que Michael precisava verificar. Depois de fantasiar tanto sobre a tarde que teria em breve com a namorada, ele queria ter certeza de que sua imaginação não tinha fantasiado muito o lugar do qual ele pouco se lembrava.

Michael voltou a realidade e encheu o copo que estava lavando com água da torneira. Ele sentia saudade do gostinho de água com terra que só tinha na fazenda.

Era quase hora do almoço. Michael foi até a picape e trouxe para a cozinha macarrão, óleo, salsinha, cebolinha, alho, sal, um isopor com carne moída que comprou na vinda e outras coisas. Iria fazer macarrão com molho vermelho para seu almoço e provavelmente para a janta de hoje também. Trouxe pães e um pedaço de bolo também. Amanhã de manhã iria tomar café da manhã e lá pela hora do almoço voltar para casa.

A cozinha logo começou a cheirar comida sendo feita; aquele cheirinho de alho picado no óleo quente da panela. Temperos verdes, tomate picado e pimentões das três cores enfeitavam a pia, cada porção em uma tigela diferente a espera de serem misturados com a carne para o molho do macarrão. Não fazia muito tempo que tinha aprendido a cozinhar (alas, ainda estava aprendendo!), mas já dominava o preparo de alguns pratos mais simples. Macarrão à carbonara era sua especialidade.

O almoço não demorou a ficar pronto. Michael comeu tanto que não conseguia nem se mexer direito depois. Deitou na cama do seu quarto no segundo andar sem se preocupar em fechar as janelas que ainda estavam ventilando e iluminando a casa para os odores de “fechado” saírem. Pela janela, viu ao longe, mas claramente mais perto do que quando tinha visto pela última vez, as nuvens escuras de chuva espreitavam. Talvez elas chegassem até a fazenda antes do sol se por. Michael queria ir no mínimo até a cachoeira ainda hoje e tomar um merecido banho em suas águas. Depois podia chover.

Antes de tirar sua sesta, resolveu ligar para sua mãe para dizer que estava tudo bem. Ela tinha pedido.

“Oi, mãe! Tudo bem?”

“Tudo certo sim, filho. Tá tudo bem aí? Como está a casa? Tudo certo, tudo normal? Você volta pra casa ainda hoje?”

“Tá tudo bem sim, mas eu disse que volto só amanhã, não disse?”

“Mas volta hoje. O que você vai ficar fazendo aí sozinho? Espera e vá depois com a Kelly em um outro final de semana. Eu não queria que você ficasse aí sozinho. É perigoso.”

“Por que é perigoso?”

“Pode ter cobras aí,”

“Mãe...”

“ou aranhas, você sabe que são muito perigosos esses animais peçonhentos.”

“Pode ficar tranqüila que eu sei me cuidar.”

“Tudo bem, filho. Mas... é... se você ver qualquer coisa estranha aí na casa você volta imediatamente, ouviu?”

Michael ficou um pouco preocupado. Sua mãe tinha mudado de voz, parecia estar bem preocupada. O que ele poderia ver de estranho na casa? Com certeza sua mãe não estava se referindo a cobras ou aranhas. Michael podia sentir isso na voz dela.

“Qualquer coisa estranha tipo o que?”, disse tentando não mostrar que tinha ficado preocupado.

“É... você sabe... vai que... vai que alguém resolve ir na casa roubar... ou...”

“Ou o que?”

“Ou... não, nada é nada não, mas... se cuida. Me prometa.”

“Eu prometo, mãe...”

Tinha sido difícil conseguir convencê-la a deixá-lo ir à fazenda sozinho. Só conseguiu pois seu pai no final das contas conversou com Ana. Mas seu pai também não estava lá muito feliz com a ida de seu filho para a fazenda.

O que pode dar errado? Simplesmente nada! É uma casa em uma fazenda. Só tem bicho aqui perto!

Então Michael se lembrou de olhar a casa quando chegou. Ele sentiu que tinha alguma coisa lá... Será que sua mãe tinha se referido a isso? Claro que não. Ele andou pela casa inteira e não tinha nada a não ser os móveis, quadros e pó.

Michael Fule nunca acreditou em nada sobrenatural. Não iria deixar nada disso assustá-lo. Entre seus amigos, Michael era considerado o mais corajoso fosse para o que fosse. Ele se lembrou daquela vez que foram seus amigos e ele, muitos anos atrás, entrar no cemitério de noite para brincar da brincadeira do copo. Dos cinco que foram, quem foi o único que não tinha corrido desesperadamente quando um ganho alí perto estalou?

Ele!

Michael riu tanto dos outros assim que chegou andando até o portão do cemitério com o copo e as velas que tinham largado lá...

Michael Fule riu um pouco de tudo e se sentiu muito melhor. Sua mãe devia estar simplesmente preocupada com o filho, assim como toda mãe faz. Muitas vezes em excesso e sem precisão. E o que ele vira, aliás, *pensara* ter visto com certeza não era nada. Ele não iria se preocupar com isso.

Colocou o celular para despertar dali uma hora. Uma mensagem tinha chegado. Era da Kelly e dizia:

“mor, spero q esteja tudo bem. Melhorei um poko, se vc kiseh amanha de noitinha a gente pode saih. Qem sabe o cinema? Aproveite a fazenda, axe uns lugares bons para a gente ir... Bjus t amo”

Com isso Michael suspirou e fechou os olhos tranqüilamente com passarinhos contando lá fora e em sua cabeça. O sol batia em seus pés e a leve brisa logo o levou para a terra dos sonhos.

* * *

“Se eu tivesse ficado com medo e ido embora depois que minha mãe ligou, pode ser que eu tivesse tido um bom dia”, me disse Michael Fule sentando na cadeira do balcão do bar e tomando de uma só vez mais um copinho de vodka que tinha pedido.

“O medo é bom. Aqueles que acreditam que o medo não é bom não sabem o que dizem. O medo é precaução; se você não tem medo de nada, faz coisas idiotas. O medo, em certa quantidade, te faz lembrar ou imaginar as coisas que podem te acontecer caso o pior venha a acontecer. Nem sempre é sábio ignorar o medo. E se você ignorá-lo demais, depois de um certo tempo pode ser que não haja mais caminho de volta seguro”

* * *

Michael Fule acordou com o celular despertando baixinho e aumentando aos poucos. A música era “Ursinho de Dormir” e logo os auto-falantes do celular chegaram ao máximo. Michael acordou com aquela sensacional, indiscritível sensação de quando você acorda na

hora certa e do jeito certo e com uma música que você gosta no fundo que te faz imaginar que seu dia será bom. Ele cantava junto com a música e pensava em sua namorada. Como ele queria que Kelly estivesse aqui com ele. O sol estava brilhando lá fora como Michael não tinha visto em semanas! O céu era um azul sem qualquer mancha, exceto...

Lá longe. Bom, não tão longe. As nuvens de chuva estavam mais perto. Michael conseguia até ouvir o ronronar de trovões. As nuvens pareciam mais ameaçadoras do que antes. Uma se erguia alto dentre as outras, com formato de uma enorme montanha. Ela era assustadora. Alguns raios ricocheteavam dentro dela, pequenos flashes na distância. Michael tinha lido uma vez que a melhor forma de saber se uma nuvem trará ou não chuva, forte ventos ou não, é pelo que ela aparente. E esta estava com a cara que traria os dois.

Na internet, a previsão era de sol para hoje e amanhã, com pequenas pancadas na tarde de hoje. Antes de Michael ir dormir, essas nuvens estavam muito na distância, eram poucas e cinza-escuro. Ele acreditara na previsão do tempo então. Mas agora, com essa enorme nuvem que parece uma montanha se aproximando e o horizonte inteiro entufado de nuvens preto-azuladas, ele não tinha certeza se acreditaria mais no que vira na internet.

Quem sabe essas nuvens iriam passar? Pelo sim pelo não, ele iria o mais logo possível para a cachoeira e aproveitar enquanto o céu limpo e ensolarado davam um show. Se a chuva viesse, ele voltaria e ficaria em casa. Ou quem sabe tomaria um banho de chuva?

Fazia muito tempo desde o último banho de chuva. Era muito bom sentir as gotinhas de água explodirem em sua pele, em seu rosto, em sua boca e lábios. Sempre que podia ele saía da escola para voltar para casa embaixo de chuva. Colocava a capa impermeável em sua bolsa com os livros e voltava andando descontraidamente pelas ruas. As outras pessoas todas corriam com guarda-chuvas ou qualquer coisa que elas tenham em suas mãos colocadas em cima de suas cabeças. Em algumas chuvas, nem mesmo um bom guarda-chuva adiantava: o vento fazia o andante chegar ao destino como se estivesse sem proteção alguma.

Michael sempre achou engraçado vê-las correndo desesperadas pelas ruas, se importando com a roupa ou com o cabelo. Será que elas não sabiam o quão bom era se molhar?

Quem tá na chuva é para se molhar.

As chuvas de verão eram as melhores, é claro. Chuvas de inverno eram mais fracas e Michael demorava para se acostumar com a gelidez da água. Agora as chuvas de verão... Essas eram boas pois não eram frias e eram tão intensas que parecia que um chuveiro tinha sido aberto em cima das pessoas.

Deixando para decidir depois o que fazer quando *e se* a chuva viesse mesmo, Michael saiu fechando as janelas que tinha aberto. Em quinze minutos ele tinha se aprontado para ir até a cachoeira.

Ele vestiu um tênis mais velho, calças longas (para não se cortar no mato que iria passar e evitar as mordidas dos mosquitos), uma camiseta que tinha tirado do fundo do guarda-roupas só para esta ocasião, e na mão um velho fação que tinha achado na lavanderia. Estava um pouco enferrujado e não estava muito afiado, mas Michael achava que era o suficiente para cortar galhos que estivessem no meio do caminho.

Encostada a porta da cozinha, Michael Fule saiu em direção a borda da floresta. Atravessou o antigo pasto até onde havia uma pequena estrutura há muito consumida pelo tempo em destroços. Se ele se lembrava bem, havia uma trilha perto de onde uma vez era o chiqueiro... Ahá! Lá estava ela! O mato a tinha tomado de volta, mas era claro que uma vez existia um caminho largo alí, desflorestado. O sol era peneirado pelo telhado de galhos que batia nas pequenas plantas que cresciam no chão. Algumas árvores tinham nascido no meio do caminho e eram altas. O vegetação rasteira lhe batia no joelho e o cheiro característico de *verde* subia quando Michael Fule pisava sobre o mato.

Conforme seguiu a vegetação mudou, o ar ficou mais úmido e mais denso. Mais dez minutos de caminhada, cortando o eventual cipó que trancava o caminho, e ele ouviu a cachoeira alí perto. A cada passo que dava o barulho ficava mais forte, mais imponente.

O rio devia ter uns 15 metros de largura. A cachoeira não era muito alta, talvez três metros, mas a quantidade de água que descia era grande. O chão embaixo da formação rochosa da cachoeira era praticamente uma só pedra, grande e lisa, com filamentos de algas crescendo sob ela. Uma fina camada de água permanecia calma na aparência mas que na verdade deslizava rapidamente sobre o bloco único de pedra até chegar a um laguinho, que se formava quando a pedra se interrava novamente na terra.

A água estava levemente barrenta. É claro que era barrenta a água da região; o solo era terra-roxa, não areia. Michael ficou um pouco decepcionado. Tinha fantasiado em sua cabeça como era o rio que pouco se lembrava de quando vinha aqui quando criança. As cenas que ele tinha imaginado com sua namorada aqui eram de água cristalina. Mas ele logo se animou, lugar era lindo!

Não havia como não gostar!

Nas margens nasciam musgos que formavam um tapete de turfa com bancos naturais de pedras grandes. Havia um amplo espaço para fazerem piqueniques alí se quisessem.

Quando a brisa mudava de direção, leves jato de ventos úmidos borrifavam no tapete de turfa. Gotículas de água se equilibravam delicadamente no frágil ápice das briófitas.

Michael se sentou. Estava suado. O dia estava quente e dentro da floresta o ar estava abafado. A caminhada não tinha sido tão fácil.

O ocasional mosquito passava perto de seu ouvido fazendo “zzzzzz”. Alí perto uma fila de formigas estava carregando diligentemente folhas para seu ninho, onde quer que fosse. A água da cachoeira e a que escorregava pela grande pedra preta *pareciam* cristalinas. Pequenos pontos de sol refletiam nelas.

Plump! Um peixe tinha acabado de pular no laguinho. Michael tinha visto pelo canto do olho enquanto contemplava os pequenos pontos brilhante da cachoeira.

Ele tirou o sapato, a camisa, a calça e ficou somente com o calção de nadar azul que tinha vestido por baixo. Apertou bem o cordão e foi para a forte queda d’água.

Centenas de litros passavam por seu corpo a casa segundo. Era tanta água que todos os músculos de seu pescoço se mantinham rijos para que a água não tombasse sua cabeça para o lado. Suas mãos firmemente seguravam rochas na parede atrás de si. Sentia como estivesse competindo força com a cachoeira e ele estava ganhando...

Depois ele foi para o laguinho. Não era muito fundo. O leito do rio era terroso e com pedras de vários tamanhos. Michael Fule tomou cuidado com algumas bordas de pedras. Pareciam navalhas.

Meia hora se passou e ele foi se sentar mais uma vez na margem do rio onde tinha deixado suas coisas, agora profundamente cansado mas igualmente relaxado. Se deitou no tapete de musgos verdes e seus pés atingiram o sol. Sua namorada iria adorar esse lugar. Kelly adorava a natureza. Seria um ótimo final de semana quando os dois estivessem juntos!

Michael fechou os olhos imaginando o que poderia acontecer se Kelly tivesse vindo com ele hoje. Sua imaginação realizando todos os seus fetiches, devagar e com delicadeza. Ele se contorceu e algumas palavras ou sílabas ininteligíveis saíram de seus lábios. A textura exótica em suas costas e o cheiro de mato o faziam excitado.

Muito excitado.

Sua mão trabalhava rapidamente em movimentos de vai-e-vem. Kelly não saía de sua mente, figura tão sensual quanto podia. Quando não agüentou mais, explodiu quente em sua cama verde com os últimos gemidos de prazer saindo de sua boca e a respiração ofegante.

Michael Fule estava se sentia muito bem. O dia estava sendo perfeito. De olhos ainda fechados, ele entrou em um estado de relaxamento que era difícil experimentar. Pássaros cantavam, a cachoeira rugia e ele, sem perceber, dormiu.

Porcos.

Gritando e guinchando. Estavam sendo mortos alí perto. Michael Fule estava no meio de um grande chiqueiro, os porcos cheiravam mal, estavam sujos de lama e babados de restos podres de comida. Nem se podia discernir que estampas eram de verdade suas peles por debaixo da fina e rala camada de pelo tão grande era a sujeira impregnada neles.

Alguém estava os matando. Michael podia ouvi-lo matando, provavelmente cortando o pescoço deles e esperando o sangue sair todo.

Ele quem?

Michael não sabia e nem queria saber. Só queria sair daquele lugar. O chiqueiro era enorme, talvez 20 por 30 metros. Michael Fule correu para o lado oposto de onde estavam vindos os gritos e guinchos dos porcos sendo mortos. Ele corria mas não chegava mais perto da cerca. Porque, porquê?

O homem iria vir buscar mais porcos daqui a pouco. E se ele visse Michael alí no meio do chiqueiro? Com certeza Michael iria morrer também, quem sabe da mesma forma que os porcos.

Porquê?

Não interessava o porque. O homem iria matá-lo, sem piedade.

Porquê?

Não interessa!

O homem era mau, ah sim, ele era. Os porcos estavam sofrendo a ira do homem. Ilogicamente e com tanta satisfação o homem os matava. Michael parou, cansado. Apesar de correr até perder o fôlego, ele não tinha conseguido chegar mais perto da cerca. O chiqueiro tinha mudado agora. Era maior, muito maior e...

Michael Fule olhou para baixo e ao seu redor. O pouco ar que tinha sobrado seus pulmões saiu por sua boca contorcida de horror.

Não haviam *somente* porcos esperando seu destino de morte. Havia dezenas, não, *centenas* de porcos mortos espalhados pelo chão. Alguns sem cabeça, outros deitados numa piscina de sangue negro que ainda jorrava do corte lhes desferido no pescoço. Alguns estavam

mortos a tanto tempo que tinham larvas de mosquitos comendo a carne podre, se apertando uns contra os outros na grande festa saprofágica.

E mais enojante ainda, os animais vivos estavam comendo os mortos, se deliciando na carne ainda quente, ou com os podres, as larvas escorrendo-lhes pelos cantos da boca.

Ihhhh! Ihhhhhhhhh! Ihhhhhhhhhhh!

O que Michael iria fazer? O homem iria matá-lo e os porcos iriam o comer, ele tinha certeza. Como Michael iria sair desse lugar? Ele não tinha muito mais tempo... Os porcos do homem tinham acabado. O homem iria vir buscar mais e deixar as carcaças dos mortos aqui.

Era tarde demais. Michael ouviu uma gargalhada de coalhar o sangue. Olhou ao redor pelo impulso de adrenalina injetada em seu sangue, porém não conseguiu ver de onde vinha. Uma gargalhada sem corpo. E era seu fim. Ele tinha certeza. Mesmo sabendo que não adiantava correr, ele tentou, pulou porcos e corpos, escorregou em uma poça de sangue fétido e se levantou, correndo com todo seu âmago, com tudo o que podia para não morrer.

Mas a gargalhada estava mais próxima, estava o alcançando. Quando ela estava bem atrás dele, bem perto de seu ouvido, um fedor inacreditável quase o fez perder o equilíbrio e cair de cara no chão. Seu coração estava batendo com tanta força que parecia querer sair de seu peito. Seus outros músculos doíam inimaginavelmente pelo esforço.

Michael se virou para encarar a morte. Era seu fim e não havia nada que ele podia fazer e...

...e acordou suado do lado do rio, céu escuro, ventos fortes e trovões ecoando.

Suor frio se espalhava por todo seu corpo. Não conseguia respirar, estava sufocando. Fechou os olhos e tentou se controlar.

Tinha sido somente um sonho. Um sonho! Nada mais. Ele estava seguro, não precisava ficar com medo, não tinha que temer nada. Ele estava na natureza, ninguém nunca veio na fazenda, não tinha porque se preocupar com os vivos. E fantasmas não existiam.

Ou será que existiam?

Kabum!

Não, não existem!, Michael disse impertinentemente para si mesmo em sua cabeça.

Sua mandíbula doía, quase não conseguia movê-la. Seus músculos também estavam todos doloridos e trêmulos. Que dor de cabeça! Por que ele estava tão dolorido? Tinha sido só

um sonho! Será que ele bateu em alguma coisa quando ele dormia? Não tinha nada aqui perto. As pedras estavam alguns metros de distância ao seu redor...

Ele deve ter forçado os músculos enquanto sonhava, sua mente respondeu o sonho com o corpo, como se tivesse sido de verdade. Michael sabia que isso podia acontecer, algumas pessoas de vez em quando gritavam quando estavam dormindo, até mesmo chutavam ou davam socos. Seu tio sempre fazia isso.

Deve ter sido isso que aconteceu com ele.

Agora estava na hora de se acalmar.

Respire fundo.

Depois de alguns minutos sem quase se mexer, Michael Fule conseguiu finalmente abrir os olhos e mover suas mãos com certa calma e precisão. Elas ainda estavam tremendo. A dor de cabeça estava passando, mas o medo era grande.

Michael Fule deu uma boa olhada em volta. Ele estava no mesmo lugar em que tinha caído no sono. As nuvens negras que ele viu no horizonte antes agora estavam em cima dele, negras e amedrontadoras. Estava escuro, pouca luz passava pelo céu *quasi*-negro. A cada minuto um trovão ecoava.

Michael olhou em seu celular para saber quanto tempo tinha dormido. Rapidamente fez os cálculos. 50 minutos? Uma hora no máximo. Como é que essas nuvens chegaram tão rápido?

Michael Fule estava apavorado. O sonho e essa tempestade... A tarde que estava tão agradável se transformou em pesadelo.

Pelo menos não se transformou no pesadelo que ele acabara de ter.

Suas mãos trêmulas pegaram suas roupas e ele se vestiu. Amarrou seus tênis e pegou o facão. Ele tinha que voltar para casa. A casa *da cidade*. Ele não queria mais ficar aqui nessa fazenda. Pela primeira vez que conseguia se lembrar, Michael Fule estava com medo.

Muito medo.

A água do rio estava mais barrenta do que nunca, e seu volume tinha aumentado. Com certeza já tinha começado a chover em algum outro lugar onde esse mesmo rio passava.

Michael Fule se lembrou daquela nuvem que parecia uma montanha, negra e com seu centro cheio de flashes. Devia estar em cima dele agora, não dava para dizer. Quase todo o céu estava negro. Daqui a pouco ele estaria imerso em escuridão total. *Tenho que chegar até a casa da fazenda em menos de quinze minutos*, calculou.

Sem mais pensar, entrou na mata e parou. Mesmo somente três metros adentro da floresta tudo estava muito escuro, quase não enxergava nada.

Cuidado com as cobras, ele ouviu sua mãe dizer. Mas cobras eram as últimas coisas com que ele iria se preocupar. E sua mãe nunca disse o que ela realmente queria dizer. Com certeza ela também não estava muito preocupada com *cobras*. Era outra coisa... Michael não estava se sentindo bem, um aperto em seu peito dizia que aquele sonho não era totalmente mentiroso. Aquele homem...

E a realização veio até ele: naquele dia de manhã, quando ele olhou a casa pela primeira vez, quando a nuvem passou por ele e fez um breve momento de sombra, Michael tinha sentido a presença desse mesmo homem, dessa mesma criatura. Lá na casa, a espreita.

Apertando o olho para poder enxergar na escuridão, Michael Fule apertou o passo e seguiu o caminho sem prestar atenção por onde pisava ou passava. Alguns arbustos espinhudos cortaram-lhe a perna em vários lugares. Sangue pingou por debaixo da calça, mas Michael Fule nem percebeu.

O teto da floresta era como um mar revolto: os ventos fortes violentavam as árvores que se moviam violentamente, lançando folhas em todas as direções. Parecia que elas iriam cair em cima dele a qualquer instante.

Os trovões rugiam cada vez mais fortes. Ou era impressão de Michael? Os clarões de luz entravam por entre a malha da floresta mas não ajudavam muito.

Michael se lembrou repentinamente de seu celular. É claro. Ele tinha visto as horas nele agora pouco, por que não tinha ligado para sua mãe então? *Burrice!* Ele iria telefona para sua mãe. Precisava ouvir a voz dela. Talvez seria a última vez que a ouviria.

Michael parou e pescou nervosamente o celular No bolso de sua calça. Abriu a frente e o visor acendeu e ele rapidamente apertou os números e colocou o falante em sua orelha. Esperou e nada. Será que não tinha discado certo? Michael trouxe o celular para baixo e olhou atentamente os números. Sim, estavam na ordem correta, porém Michael não tinha reparado nas pequenas palavras que estavam no canto superior esquerdo da tela quando discou. Em desespero as leu.

Sem sinal.

Um clarão e

Kabummm!

Michael pesou que tinha ficado surdo. O barulho tinha sido muito alto, seu peito tremeu como se um taco de baseball tivesse batido nele bem ali.

A chuva começou, sem nenhuma gota de advertência. Ela desceu como se o céu fosse desabar, gotas gordas e juntas. Michael nunca viu uma chuva tão densa. Ele continuou a correr pelo caminho, agora mais rápido do que nunca.

Todos os trovões eram altos. Nenhum deles parecia normal. Será que estavam aumentados naturalmente ou será que era puramente o efeito do medo de Michael? Não importava. Ele só pensava em sair da fazenda, voltar para casa na cidade onde estaria seguro.

Por que tinha vindo sozinho, afinal de contas? E porque não voltou quando sua mãe lhe telefonou e pareceu tão assustada. Por que ele não deu ouvidos a ela? *Por quê?*

A floresta acabou e ele saiu perto de onde antigamente era o chiqueiro.

Porcos.

Um arrepio passou por sua espinha. Ele deu alguns passos para contornar o antigo chiqueiro, devagar, sem desviar seu olhar da destruída cerca e casinha de madeira que ficava no centro.

Os únicos momentos em que Michael conseguia enxergar alguma coisa era quando os relâmpagos riscavam o céu. Ele escorregou na lama, se levantou e olhou na direção da casa da fazenda. Havia o pasto para atravessar até chegar lá. Um antigo pasto com grama, mato, terra e pedras. Se ele corresse iria cair. O campo era irregular e Michael não conseguia ver bem. Tinha que ir andando, mirando em direção a casa quando os raios dessem o breve momento de luz.

Ele não queria se aproximar da casa mas sabia que nunca conseguiria sair da fazenda sem sua picape. E também queria sair de perto do chiqueiro que agora estava atrás de si. Ele tinha que ir.

Michael andou tentando superar a urge de correr. O pasto era uma descida e a água da chuva que caía nas terras ao redor se acumulava e descia pelo pasto. O resultado era uma camada de água de quase um centímetro que cobria o chão por onde Michael estava passando. A água descia numa velocidade grande, a terra cada vez menos conseguia absorver a água da chuva monstruosa que descia. Era muito fácil de escorregar. Pequenas pedras rolavam colina abaixo, algumas maiores batiam no tornozelo de Michael e por duas vezes quase o tiraram de seu pé.

Um enorme raio riscou o céu, um raio muito grande e largo que saiu de uma nuvem e acertou outra. A paisagem foi iluminada como se o sol brilhasse de novo por um segundo inteiro. A luz machucou os olhos de Michael e ele os fechou. O trovão que veio em seguida foi extremamente forte e se prolongou por alguns segundos. Se Michael achava que os anteriores eram fortes, era porque ainda não tinha ouvido este.

Michael colocou as mãos em seus ouvidos e perdeu o equilíbrio, o espaço do céu aberto funcionava como uma caixa acústica que ampliava o barulho. Ele caiu de cara no chão barrento e tentou levantar, só para cair novamente. Seu coração batia forte, adrenalina espalhada por todo seu corpo.

E ele ouviu o que mais temia. Era a risada mais perversa que alguém poderia dar, longa e sem vergonha. Michael não sabia como conseguia ouvi-la acima do barulho da chuva e trovões, mas era claro como se o alguém que tivesse a dado estivesse a centímetros de seus ouvidos.

Ele se apoiou em suas mãos para levantar, água suja e com sujeira tinha entrado em sua boca e ele agora a cuspiu. Não conseguia, suas pernas estavam moles de medo. Olhou em volta e esperou pelo clarão de um raio.

Nada. Estava sozinho no meio do antigo pasto e mesmo assim alguém tinha gargalhado horripelantemente. Michael estava apavorado. O homem estava alí perto, só Michael não o conseguia ver.

Ele tinha que se levantar e chegar até a maldita picape. Ele tinha que... Ele tinha que...

Pedaços grandes de pau começaram a descer com a água da chuva dos morros acima. Michael sentiu eles baterem em seu corpo, seus braços desprotegidos de tecido, e machucarem.

Gravetos grandes, duros e grossos e brancos. E brancos?

Michael Fule demorou alguns segundos para perceber o que eram. Mandíbulas, fêmures, tíbias, fíbulas, ulnas, costelas, vértebras, íleos e ísqueos estavam a sua volta.

Um mar de ossos.

Alguns eram pequenos, outros maiores. Michael tentou fechar os olhos, horror o tinha tomado, mas mesmo assim ele via as brancas formas que tinham se impregnado em suas retinas com os flases dos raios.

Uma bola grande e dura bateu em sua mãe e se prendeu. Michael sabia o que era mesmo antes de abrir os olhos.

Os olhos vazios retornaram seu olhar e os poucos dentes sobrando na mandíbula pareciam sorrir-lhe sinistramente.

Michael Fule se levantou e correu em meio aos ossos, correu como nunca tinha feito. Algumas vezes escorregou em uma das formas brancas e caiu, água lamacenta e grotesca entrando em sua boca novamente, mas ele se levantava e corria.

Michael não acreditava. Os ossos estavam em todas as partes. Existiam centenas, *milhares!* A tempestade tinha os desenterrado de algum lugar e agora os trazia para terras mais baixas.

O garoto de 18 anos quase não acreditou quando finalmente chegou até sua picape. Ele encostou nela, pés em uma poça d'água. Abriu a porta e sentou no banco todo encharcado e ligou os faróis. Ele tinha se recusado a olhar para a casa que estava se somava do seu lado. Michael tinha medo do que veria.

As chaves. Onde estavam as chaves? Onde estavam *a merda* das chaves? Ele sabia da resposta mas se recusava a acreditar. Ele estava tão perto de sair daquela fazenda e não podia por causa das chaves.

Elas estavam na mesinha de cabeceira de sua cama no segundo andar da casa. Michael Fule as tinha deixado lá antes de dormir. O que iria fazer agora? Sabia o que tinha que fazer mas não queria aceitar.

Michael bateu a cabeça na direção, tentando arranjar qualquer gota de coragem que tivesse sobrado em seu ser. Dois minutos se passaram e se concentrando o tanto que podia, abriu a porta do carro e saiu.

A casa da fazenda o olhou e ele olhou de volta. Michael sabia o que iria encontrar lá dentro, mas ele não tinha escolha. Iria morrer.

Passo por passo, Michael Fule se aproximou da porta da cozinha entreaberta. Água tinha entrado e o chão estava alagado. Seus pés de barro deixaram marcas por onde passavam. Michael tentou ligar as luzes e para sua surpresa elas ligaram. Fracas, como se a energia estivesse quase acabando, mas ligaram. *É o suficiente*, pensou.

Michael conseguia ouvir seu coração tentando sair de seu peito. Quem sabe fugir do que o destino lhe reservava. O vento assobiava por entre as frestas escuras de portas e janelas. Michael estava com frio. Com muito frio.

A cada passo que dava, Michael esperava encontrar o homem com quem sonhara. O homem que gargalhou tão inumanamente.

Depois de um tempo indeterminado, Michael chegou até seu quarto no segundo andar, a cama estava desarrumada como a tinha deixado. Pegou as chaves, tentando não fazer muito barulho, como se assim não fosse chamar a atenção daquilo que vivia na casa.

Mas é claro que não.

Michael deve ter dado sete passos no máximo quando sentiu aquela mesma presença que sentira quando olhou a casa pela primeira vez naquele dia de manhã. Era uma presença masculina, má, sem escrúpulos ou decência, porém muito inteligente. Michael sabia disso, não tinha idéia de como sabia disso tudo.

A presença ficou mais forte. Michael parou em frente o primeiro degrau da escada. Não se atrevia a mexer. Um cheiro fétido tomou conta do ar, como um animal morto já a alguns dias, esturricado pelo sol e cheio de larvas de insetos. Ele se segurou para não vomitar.

O barulho da chuva e trovões pareciam ter diminuído, como se estivessem longe e fracos. E tão subitamente e aterrorizante quanto podia, uma voz calma e cheia de veneno falou.

“Meus porcos se acabaram, Michael.”

Sua voz era grossa, imponente e horrível. O homem soltou uma gargalhada, a mesma que Michael ouvira quando estava caído no chão no meio do pasto e em seu sonho. Imunda e obscena.

“Será que o gato comeu sua língua? Que pena, eu esperava que eu mesmo iria a comer.”

Mais uma risada suja. Sua voz era de sarcasmo e cada palavra era como veneno.

Trovões ecoaram e se ficaram altos novamente, misturaram-se com o som da gargalhada do homem. As luzes ficaram fortes e em seguida perderam a força novamente para um brilho fraco de sódio.

“Olhe para mim, Michael! Ou está mijando nas calças de medo?”

O líquido quente escorreu por sua perna. Michael iria morrer e estava somente a momentos disso. Juntando toda sua força, se virou para o homem do lado de sua cama. Ele era alto e magro, extremamente magro. Bulímico.

Seu cabelo era ralo e seboso, fios finos e longos se espalhavam por sua cabeça anormal grande. Suas têmporas eram grandes e côncavas. A pele de seu rosto era fina e

rugosa. Por baixo dela havia um líquido amarelo-purulento que se movia com cada expressão que fazia. Os ossos de seu crânio apareciam em alguns lugares por entre a pele podre.

Seus olhos eram enormes, talvez duas vezes maior do que os de uma pessoa, e saltavam de suas órbitas. Eram vermelhos como o verdadeiro inferno. Tinha fogo lá, e Michael podia ver o fogo se mexer e contorcer enquanto os pontos pretos de duas pupilas o escrutinavam intensamente. Eles pulsavam, aqueles olhos de fogo, hipnóticos.

A boca estava aberta, com uma expressão sádica e masoquista, repleta de dentes que nasciam afiados em desordem um em cima do outro, pontas cortantes e longas. Michael podia ver várias fileiras de dentes, uma atrás da outra, como num tubarão, e elas desciam até sumirem dentro de sua garganta. Algo preto parecia ser sua língua.

O homem deu alguns passos em direção a Michael, chegando bem perto. O corte mal-feito e não cicatrizado que era sua boca exalava um fedor pútrido além do imaginável. Michael vomitou tudo o que tinha no estômago entre seus pés e do homem. Bólis verde saiu de suas narinas e boca com restos mal-digeridos de comida. Um gosto amargo de fel tomou conta de seu boca.

O homem estava descalço, pés sujos e unhas tortas e agora com gotas de vomito borrifadas. A pele que se via por entre os trapos que vestia era como a de seu rosto. Fina, parecia que arrebentaria e espalharia pelo chão todo o seu conteúdo de pus.

Riu novamente. A mesma gargalhada de antes. Michael conseguiu erguer seus olhos para o homem novamente, antes que ele ficasse bravo. A criatura continuava a olhar Michael atentamente, com o mesmo sorriso sádico.

Michael nunca tinha imaginado nada tão grotesco. O homem deu um passo para trás, mãos inquietas.

“Você precisava ver sua vó quando eu levei ela. Você ainda se lembra dela?”

“S...sim”

“Aquela puta velha, você deveria ter ouvido ela, Michael. Ela implorou que eu a levasse em seu lugar.”

E em seguida a voz que saiu da boca da criatura era de sua vó.

“Não, o meu neto não, por favor! Deixe-o em paz, me leve no lugar dele!”

“Pára!”, disse Michael sem pensar. Seus olhos se encheram de lágrimas. Muitas memórias de quando ele e sua vó brincavam juntos voltou-lhe. Seu inconsciente tinha feito

sua mágica e escondido esses momentos de Michael para ele não sofrer, tão traumática tinha sido a perda se sua vó. Mas agora ouvindo a voz dela novamente, tudo voltou. Como ele a amava, como ela amava ele. Michael chorou.

Mais uma gargalhada. A criatura tinha conseguido o que queria. Mãos agitadas, segurando seus pulsos frágeis.

“O neto ingrato agora se lembrou da vó. Já não era sem tempo. Estava muito decepcionada, a sua vó. Ela morreu e nunca você foi ver ela defunta no cemitério.”

Era verdade, ele nunca tinha ido. Seus pais nunca o levaram e ele não gostava de cemitérios. Não quer dizer que Michael não pensava nela com carinho de vez em quando.

“O que você quer de mim?”, perguntou entre lágrimas.

O sorriso nojento da criatura aumentou. *“A sua vida, é claro. Eu preciso me alimentar também. Mas não da mesma forma que vocês. A puta velha da sua vó...”*

“Cala a boca!”

Michael não conseguia se controlar. Ele nem sabia o que estava dizendo. Tudo era impulso agora. Ele só conseguia se lembrar de sua vó. Ainda imagens vinham-lhe na cabeça, acontecimentos que tinha guardado para não sofrer agora voltavam tudo de uma só vez. E era essa *coisa* que tinha matado ela.

“...é, ela sim, ela não matou minha fome por muito tempo. Era fraca, maldita! Ela te comprou oito anos, mas não mais.”

E a criatura abriu a boca assim como uma cobra faria. Entre lágrimas, Michael viu os dentes afiados, fileira após fileira. A criatura estendeu sua mão devagarinho, deu um passo, pronto para agarrar sua vítima pela garganta.

Michael deu um passo para trás, as mãos da criatura centímetros de seu pescoço. O cheiro que vinha de sua o envolveu todo e a próxima coisa que ele sabia é que estava caído no chão, no pé do lance de escada que levava para o segundo andar. Sua cabeça doía muito, Michael Fule sentia sangue quente fluir em sua boca. Cuspiu e se levantou, sem olhar para trás, correu desesperadamente do cheiro fétido e do barulho de passos atrás dele. Se havia qualquer chance, essa era a única.

A chuva lá fora caía forte. Michael entrou na picape, ligou o carro e pisou fundo no acelerador. Do canto do olho viu as luzes da casa iluminarem o lugar de vermelho como se um incêndio tivesse começado. Um grito de pura raiva ecoou forte por toda a fazenda e em

seguida a casa estava escura. As únicas luzes eram a dos faróis de seu carro, iluminando a pista a frente, freneticamente fugindo da fazenda e de seu único eterno habitante.

* * *

“Você não acredita, né?!”

Demorei alguns segundos até perceber que a pergunta era para mim. Quando olhei para ele, Michael estava pedindo ainda mais um copinho de vodka.

“Acredito”

Não havia como duvidar. Ele tinha sido tão realístico, tão sério. Sempre havia a possibilidade de que ele era um velho gagá, mas eu duvidava. Tinha algo na história dele, algo em sua voz que me fez acreditar em cada palavra que disse.

“É só que... é meio surpreendente, toda essa história. Eu preciso de uns minutos para assimilar tudo”

“Fique a vontade”, ele disse tomando de uma vez o copinho de vodka que o barman deixou para ele.

A história tinha sido longa. Já eram duas horas da manhã, o bar fechava às três. A gritaria dos bebuns estava mais alta do que nunca. De um lado, um grupo de cinqüentões levantavam seus copos proclamando alguma saudação em voz alta para todo mundo ouvir (mas que só os que estavam alcoolizados o suficiente conseguiam entender), e brindavam celebrando a tudo e a todos.

No bar haviam várias mesas com pessoas. Algumas descontentes com a vida sentavam sozinhas, outras, assim como eu e Michael, tinham se conhecido pelo trabalho do acaso e agora conversavam em voz baixa. Outras dormiam em seus lugares, sonoramente. Um dos barmen estava acordando estes e chamando táxis para levá-los para casa. Estavam tentando esvaziar o bar para deixá-lo o mais limpo possível para não terem que se estender muito na madrugada depois que o bar fechasse.

Uma história tão incrível... Eu nunca acreditei nessas coisas, como já disse. Mas esta por mais incrível que fosse parecia ser real. Não sei por que, mas era assim que me senti na hora.

Estava revendo os contos em minha cabeça, quadro por quadro. E agora que eu pensava nela de novo, a história me parecia muito mais assustadora do que da primeira vez a imaginei conforme o velho ao meu lado a contava.

Com certeza esse Michael que estava do meu lado agora seria diferente se não tivesse passado por aquele dia na fazenda. Será que ele seria ainda o Michael que não tinha medo de nada, será que teria crescido para ser um daqueles homens idiotas, que pensam que são melhores que todo o resto do mundo? Não sei. Mas aquele dia tinha mudado sua vida com certeza.

Algumas perguntas vieram-me a mente. A história ainda não estava terminada.

“Quando você chegou em casa, eu suponho que você estava todo sujo e machucado. Devia estar parecendo que veio da guerra, hein?!”, perguntei olhando do meu copo de cerveja para ele, com um pequeno tom na voz para tentar animar um pouquinho que seja o ânimo sombrio que a história tinha deixado nele e mim.

Seu rosto não mudou em expressão. Ele virou e olhou em meus olhos.

“E não tinha eu vindo de uma guerra?”

“É...”, o sorriso que estava começando a se formar em meus lábios murcharam. A expressão solene voltou em meu rosto. Ele não estava com humor para se animar.

“Bom, mas enfim. Quando você voltou, o que disse para sua mãe e seu pai? Qual foi a reação deles?”

Ele esperou um pouco para responder. Parecia estar resgatando na memória o que tinha acontecido.

“Minha mãe estava viajando. Só iria voltar depois de alguns dias. Foi a salvação. Não quero nem imaginar o que ela teria feito.” Para minha alegria, um pequeno sorriso em seus lábios desabrochou. Ah! Finalmente um clima um pouco melhor! De sombria já bastava a história.

“Meu pai estava vendo televisão quando voltei. Ele quase pulou do sofá quando me viu entrando pela porta... Eu tinha chegado da guerra...”

“Eu ainda estava muito assustado, é claro. Tremendo muito. Meu pai queria me levar pro hospital. Eu tinha uns machucados com uma horrível aparência, mas depois de inspecioná-los com calma, vimos que não era nada muito grave.

“Tomei banho. A água quente, na minha casa... Como era o paraíso! Você não tem idéia de como é se sentir seguro depois de uma coisa dessas. Eu ria de vez em quando. Tinha

escapado da morte. Você já escapou da morte?” Levei alguns segundos para entender o que ele tinha me perguntado.

“Não,” respondi com ar de ingenuidade.

“Então está aí mais uma coisa que você não sabe como é. É uma sensação de euforia, de alívio... Difícil de explicar. Mas enfim, depois do banho eu e meu nos sentamos. Eu tinha que contar para ele o que tinha acontecido. Foi terrível. Eu me lembro da cara dele, seus olhos ficaram cada vez maiores. No meio da minha história ele falava ‘*Eu sabia, eu sabia!*’, ou ‘*Aquela merda de fazenda!*’. Eu senti tudo o que tinha sentido de novo quando contei os detalhes. Foi horrível, *horrível!*”

“O pouco ânimo que tinha ganho desde que cheguei em casa passou. No final eu estava tremendo como louco e meu pai estava tão perplexado que não conseguia falar nada coerente. Ele me deu um copo com açúcar e pegou um maior para ele.

“Ficamos até de madrugada. Ele me contou tudo o que sabia da fazenda. Foi o único dia em nossas vidas que falamos do lugar abertamente. Nossas conversas sobre a fazenda depois daquele dia eram sempre breves e áridas de palavras. Decidimos não contar para minha mãe sobre o que tinha acontecido comigo. Ela teria morrido do coração. Mães... Quando chegou inventamos uma desculpa sobre meus ferimentos. Ela desconfiou, é claro. Eu tinha mudado, sabe? Não eram só os ferimentos... Mas no final ela acreditou.”

Fazia sentido. Mas havia mais umas perguntas para a história ficar completa.

“E a fazenda? O que aconteceu com ela? Vocês voltaram lá?”

“*Murmum...*” -sua voz tremeu ao falar o nome da fazenda- “...ainda está lá. Nunca voltamos. Meu pai e eu decidimos não fazer como o antigo dono do lugar que vendeu a fazenda para nós. Ele devia saber que do morava lá e mesmo assim vendeu a fazenda. Filho da mãe! Meus pais morreram faz alguns anos. Morte natural... Os dois... A fazenda está no meu nome, não vou vendê-la. Vai ser minha até eu morrer ou decidir o que fazer com ela.”

Sua expressão mudou novamente ao dizer a última palavra.

“Porque você me contou tudo isso?”

“Eu precisava contar para alguém depois de tantos anos. Ninguém sabe disso a não ser meu defunto pai.” Michael pareceu pensar por alguns momentos e decidiu completar. “Mas se você quer saber a real razão do porque eu estou te contando essa história, eu te digo

“Pensei ter ouvido a voz *dele* noutro dia. Não a voz, mas a risada. Igual... Não deve ser nada, minha imaginação no máximo. Aquele homem não pode sair da casa, eu acho.

Mesmo assim... Eu tinha que contar a alguém. Você chegou a esta cidade; eu estou indo embora dela depois de amanhã. Vou para um lugar aproveitar minha velhice e ficar longe dessa cidade e fazenda. Dias quentes o ano inteiro, sol, mar... Algumas garotas para poder olhar...”

“Onde?”, perguntei, mas ele pareceu perdido em seus próprios pensamentos.

Michael estava bêbado e seu humor estava se animando. Estava cantarolando musiquinhas quando o assunto acabava e um sorriso tinha tomado lugar em seu rosto e não parecia querer sair de lá. Ele se recusou a falar qualquer palavra mais de sua história; queria falar só de coisas alegres e de mulheres.

Quando o barman disse que iria fechar, Michael fez de pagar sua bebidas. Eu disse que aquela noite tudo seria por minha conta. Ele sorriu e disse qualquer coisa que eu não entendi. Chamei um taxi para levá-lo para casa e antes de embarcá-lo, perguntei se o veria de novo. Ele disse que talvez na noite seguinte viria a esse barzinho de novo, para uma última noite na cidade.

Na noite seguinte eu o esperei até o bar fechar. Ele nunca veio. Imagino que tenha ficado descansando em casa para poder fazer sua mudança na manhã seguinte ou ficado com seus amigos. Espero que Michael esteja bem e que aquela fazenda nunca mais seja visitada por ninguém.

Pois eu acredito na história dele. Mais do que em qualquer outra coisa.

Ihhhhhhhhhhhh!